

2. Organização Panamericana de Saúde. Guia para o manejo interno de resíduos sólidos em estabelecimentos de saúde. Brasília; 1997.

3. Rebello PR. Destruição inútil e de alto risco. In: Nespatti M. Controle de infecção. São Paulo; 2001 (Becton Dickinson Indústrias cirúrgicas, 48).

O ACOMPANHANTE NO PARTO: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

THE COMPANION IN CHILDBIRTH: ACTIVITIES AND EVALUATION OF THE EXPERIENCE

EL ACOMPAÑANTE EM EL PARTO: ACTIVIDADES DESARROLLADAS Y EVALUACIÓN DE LA EXPERIENCIA

Cleusa Maia de Souza Pinto *

Anatalia Lopes Oliveira Basile *

Sandra Ferreira Silva *

Luiza Akiko Komura Hoga **

RESUMO

Trata-se de estudo descritivo quantitativo que objetivou conhecer as atividades realizadas pelos acompanhantes de mulheres em trabalho de parto e a avaliação deles em relação à experiência vivenciada. Foi realizado no Centro de Parto Normal (CPN) do Hospital Geral de Itapeverica da Serra (HGIS) do qual participaram 56 acompanhantes. A atividade mais freqüentemente realizada pelos acompanhantes no decorrer do acompanhamento do parto foi permanecer ao lado das parturientes oferecendo-lhes suporte físico e emocional, e todos avaliaram positivamente a experiência. Concluiu-se que a inserção do acompanhante ativo no parto deve ser incentivada e institucionalizada nos serviços de assistência ao parto.

Palavras-chave: Trabalho de Parto – Psicologia; Acompanhantes de Pacientes; Família

O local e a forma de assistir o parto transformaram-se ao longo do tempo. O que era um evento de cunho familiar e assistido por parteiras do próprio meio social tornou-se um ato institucionalizado em que, na maioria das vezes, a mulher recebe cuidados de profissionais desconhecidos e a assistência oferecida é dimensionada por diretrizes institucionais que dificultam o contato humano e a consideração às particularidades individuais. Assim, o caráter humano e cultural que caracterizava a assistência ao parto foi se diluindo e passou a haver um distanciamento entre profissionais e parturientes com ênfase no cumprimento de normas e rotinas estabelecidas pelas instituições.

A assistência ao parto que tinha ênfase na perspectiva humanística, passou a ser altamente medicalizada e caracterizada pela ocorrência de intervenções rotineiras que, na maioria das vezes, são dispensáveis. Consequentemente, o nascimento e o parto foram perdendo as nuances de um evento fisiológico e familiar favorecedor da formação do vínculo precoce da tríade pai-mãe-filho que ocorria naturalmente nos partos domiciliares.

Os profissionais da área e de outros segmentos sociais estão preocupados com o estado atual da assistência obstétrica no Brasil, altamente medicalizada, intervencionista e cerceada por rotinas institucionais que atuam como fatores que contribuem para a não redução da morbidade e mortalidade

* Enfermeira Obstétrica. Mestre em enfermagem. Centro de Parto Normal do Hospital Geral de Itapeverica da Serra

** Enfermeira Obstétrica. Livre Docente em Enfermagem. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Endereço para correspondência:
Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419,
CEP: 05403-000
São Paulo, SP.
E-mail: kikatuca@usp.br

materna e perinatal. Neste contexto, buscam encontrar estratégias para transformar esta realidade e, uma delas é conduzir a assistência obstétrica com base em evidências científicas, tanto na perspectiva clínica quanto na sociocultural, com um novo olhar para o cuidado que demanda habilidades, aptidões de comunicação interpessoal e disponibilidade institucional e profissional.

Os incentivos para a valorização das perspectivas mencionadas, sobretudo no que tange à humanização da assistência ao parto, estão presentes nas iniciativas internacionais e nacionais. Recentemente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) elaborou o projeto “Maternidade segura - Assistência ao parto normal: um guia prático” ⁽¹⁾ e, no âmbito nacional, o Ministério da Saúde (MS), com o respaldo de entidades representativas profissionais como a Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO) e a Associação Brasileira de Enfermeiros Obstetras e Obstetrizes (ABENFO) publicou a obra “Parto, Aborto e Puerpério – Assistência Humanizada à Mulher” ⁽²⁾.

Essas iniciativas evidenciam ações técnicas e políticas voltadas à valorização da assistência ao parto.

A presença do acompanhante de escolha do paciente está prevista na Lei nº10.241 de 17 de março de 1999, que dispõe sobre os Direitos dos Usuários dos Serviços e Ações de Saúde no Estado de São Paulo. A Lei assegura o direito à presença do acompanhante de escolha dos pacientes nas consultas, exames, pré-natal e internações, inclusive durante o trabalho de parto e parto ⁽³⁾.

O Ministério da Saúde regulamentou também o “Prêmio Nacional Prof. Galba de Araújo” ⁽⁴⁾, que se constituiu numa forma de motivar o engajamento dos serviços de saúde para um atendimento humanizado à mulher, ao recém-nascido e sua família durante o nascimento e parto.

Exemplo institucional que adotou a assistência humanizada é o Hospital Geral de Itapeverica da Serra (HGIS) vinculado à Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo que está organizado para prestar atendimento ao parto segundo as recomendações nacionais e internacionais, inclusive no que diz respeito à inserção do acompanhante no trabalho de parto e no parto.

No ano de 2000 o HGIS foi contemplado com o Prêmio Galba de Araújo e nesse hospital a presença e participação ativa do acompanhante no decorrer da assistência ao parto já faz parte do protocolo de assistência e é exercida na prática.

Considerando a pertinência do conhecimento sobre aspectos relacionados às atividades desempenhadas pelos acompanhantes de parto e suas experiências neste processo para subsidiar o aperfeiçoamento da assistência oferecida na própria instituição, associada ao fato de esse tema ser relevante no âmbito nacional, desenvolvemos esta pesquisa, que teve os seguintes objetivos.

- Verificar a existência de dúvidas relativas ao papel de estar como acompanhante da mulher em trabalho de parto;

- Identificar as atividades realizadas pelos acompanhantes durante o trabalho de parto e o parto;

- Conhecer a avaliação dos acompanhantes de parturientes em relação à experiência vivida.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo quantitativo realizado no Centro de Parto Normal (CPN) do HGIS que é referência para quatro regiões da Grande São Paulo, a saber, os municípios de Juquitiba, São Lourenço, Embú-Guaçu e Itapeverica da Serra. Esta instituição atende cerca de 410 partos/mês com a média de 70% a 75% de partos normais; 25% a 30% de partos cesárea e de um a dois por cento de partos a fórceps.

O CPN é uma unidade de atendimento ao parto normal localizado fora do centro cirúrgico obstétrico e dispõe de estrutura física e recursos materiais e humanos destinado a receber e assistir as parturientes e seus acompanhantes de escolha, visando favorecer o transcurso do trabalho de parto, o parto e o nascimento com participação ativa das usuárias e seus acompanhantes.

A estrutura de atendimento oferecida no CPN, considerado um dos pioneiros em nível nacional, está de acordo com o modelo proposto pelo MS, que instituiu-o no âmbito do Sistema Único de Saúde, por meio da Portaria Ministerial n. 985 e estabeleceu critérios para sua implantação, definiu os recursos humanos necessários, a área física, os equipamentos mínimos e as competências e atribuições dos profissionais ⁽⁵⁾.

O CPN do HGIS é composto por uma sala de parto e quatro quartos preparados para atendimento contínuo ao trabalho de parto, parto e pós-parto imediato em uma mesma acomodação, denominado Sistema PPP. Esta forma de assistência atende às recomendações da OMS no que se refere à área física destinada à assistência ao parto e oferece à parturiente e seu acompanhante um ambiente mais acolhedor e diferenciado daquele característico de uma unidade de internação hospitalar tradicional. Permite o atendimento das necessidades de afeto, segurança, alimentação, eliminações fisiológicas e outras, propiciando à mulher a sensação de maior segurança e domínio sobre o seu processo de parturição ⁽²⁾.

No CPN a assistência é prestada por equipe multidisciplinar composta por médico e enfermeiro obstetra, médico neonatologista, psicólogo e assistente social que oferecem assistência com ênfase no trinômio mãe-filho-família. As práticas dos membros desta equipe alicerçam-se em evidências científicas e em princípios de respeito às capacidades fisiológicas e às particularidades individuais das mulheres. Estes são alguns dos eixos norteadores do protocolo

existente na unidade, cujo conteúdo é do conhecimento do conjunto de profissionais envolvidos na assistência.

O profissional enfermeiro obstetra possui autonomia sobre suas funções e é respaldado por protocolos assistenciais. Cabe a este profissional, após um processo de acolhimento atencioso da parturiente e de seu acompanhante, realizar avaliação obstétrica e prescrever cuidados à parturiente e orientar, de forma sistemática, sobre as atividades a serem realizadas pelos acompanhantes em relação às parturientes.

As orientações que constam no protocolo incluem os seguintes aspectos: os acompanhantes podem pedir esclarecimentos sempre que desejarem; deambular com a parturiente; estimular sentimentos positivos na parturiente; fazer massagens; fazer acompanhamento e prestar ajuda nos banhos; acompanhar e auxiliar nos exercícios físicos; encorajar e/ou acompanhar exercícios respiratórios; estimular o descanso nos intervalos das contrações; seccionar o cordão umbilical; mostrar e entregar o recém-nascido à mãe quando não for possível a interação no momento do nascimento e permanecer no alojamento conjunto desde que haja respeito às normas instituídas no serviço.

Nas orientações são salientadas as possibilidades de atuação do acompanhante enaltecendo-se a utilidade e importância de seu papel em todo o processo do parto. Os profissionais da equipe de enfermagem colocam-se à disposição para eventuais orientações adicionais e esclarecimentos considerados necessários.

Após o cumprimento desta etapa o enfermeiro obstetra toma decisões específicas conforme a necessidade constatada em cada situação. Este profissional é responsável pelo acompanhamento do trabalho de parto e presta assistência aos partos normais. Vale lembrar que neste serviço, a enfermeira obstetra é responsável pelo atendimento de aproximadamente 97% dos partos normais.

População do Estudo

Participaram deste estudo 56 acompanhantes de parturientes atendidas no CPN no período de julho a agosto de 1999.

Coleta de Dados

A coleta dos dados foi realizada durante a primeira hora após o parto. No momento da abordagem, os acompanhantes foram esclarecidos quanto aos objetivos e finalidades do estudo tendo-se dado liberdade para decidir pela participação ou não do mesmo sem que houvesse prejuízos durante e após o trabalho de parto e o parto, como consequência de sua decisão. Nenhum acompanhante recusou-se a participar. Após o cumprimento desses passos,

que fazem parte dos preceitos éticos relativos às pesquisas envolvendo seres humanos ⁽⁶⁾, assinaram o termo de consentimento pós-informado.

Instrumento de Coleta de Dados

Utilizou-se um questionário composto por duas partes. A primeira continha dados gerais de identificação dos acompanhantes e a segunda, os relativos aos objetivos estabelecidos para este estudo. Nesta parte, optou-se pelo sistema "check list" para que os acompanhantes pudessem assinalar, numa lista semelhante às constantes no protocolo de orientação, já citado, os papéis efetivamente desempenhados por eles no decorrer do processo de acompanhamento. O final deste instrumento constou de um espaço para que eles pudessem registrar a existência de dúvidas relativas ao processo de acompanhamento do parto e a avaliação em relação à própria experiência de ter sido acompanhante e fazer comentários adicionais julgados importantes e pertinentes.

Apresentação dos Dados e Análise

Os dados relativos às características gerais dos acompanhantes estão apresentados em forma de tabela e as principais atividades desempenhadas por eles, na forma de gráficos. Para a análise dos dados foi considerada a frequência de assinalação dos itens da lista e estes foram agrupados em categorias segundo a etapa do parto.

O acompanhante de escolha que predominou entre as parturientes deste estudo foi o marido/companheiro (60,7%) seguido pela amiga (16,1%). A idade dos acompanhantes variou entre 18 a 61 anos com prevalência do intervalo entre 20 e 30 anos (57,3%) e a maioria (75,1%) tinha até o primeiro grau quanto ao nível de instrução. Quanto à ocupação, deixou-se a alternativa entre a existência de vinculação formal ao trabalho ou não, tendo sido constatado que a maioria (73,3%) não tinha vínculo formal com o trabalho que exerciam.

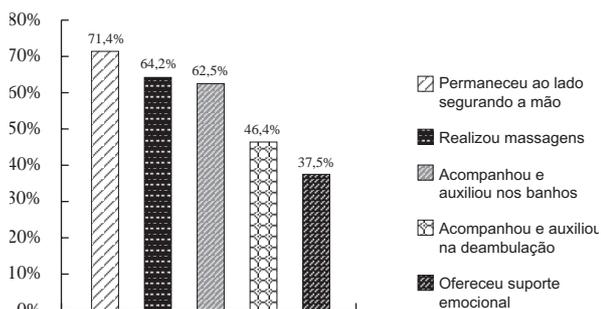
Quanto às dúvidas suscitadas em relação ao papel a desempenhar como acompanhantes, 68,0% deles não apresentaram qualquer tipo de dúvida. As dúvidas, para aqueles que as tiveram (32%), estavam relacionadas à evolução do trabalho de parto e ao parto como, por exemplo, sobre as contrações uterinas e o tempo estimado para o nascimento. Alguns manifestaram insegurança em relação à capacidade que tinham para acompanhar a fase final do trabalho de parto e o momento do parto. Estes dados indicam que estes conteúdos poderiam ser introduzidos nas orientações dadas aos acompanhantes e às mulheres no momento da internação e preferencialmente durante a assistência pré-natal.

Tabela 1 - Característica sócio-demográfica dos acompanhantes - Itapeperica da Serra, 2.000.

Característica	Número (n=56)	%
Grau de Parentesco ou Relação		
Esposo	34	60,7
Amiga	09	16,1
Mãe	07	12,5
Irmã	06	10,7
Idade		
10-19	02	03,5
20-29	32	57,3
30-39	13	23,3
40-49	08	14,2
50 ou mais	01	01,7
Grau de Instrução		
Alfabetizado	18	32,3
Primeiro Grau	24	42,9
Segundo Grau	13	23,2
Terceiro Grau	01	01,7
Característica da Ocupação		
Informal	41	73,3
Formal	15	26,7
TOTAL	56	100,0

As atividades mais freqüentemente realizadas pelos acompanhantes durante o trabalho de parto (Gráfico 1) foram permanecer ao lado segurando a mão, por 71,4%, seguida pela realização de massagens (64,2%) e auxílio às parturientes nos banhos (62,5%). Nenhum acompanhante permaneceu em atitude passiva, apenas como expectante, pois todos exerceram algum tipo de ação com as parturientes, mencionado no "check list" e dispuseram-se a atendê-las conforme as orientações recebidas, dentro de suas possibilidades.

Gráfico 1 - Atividades realizadas pelos acompanhantes durante o trabalho de parto. Itapeperica da Serra, 1999. (N= 56).



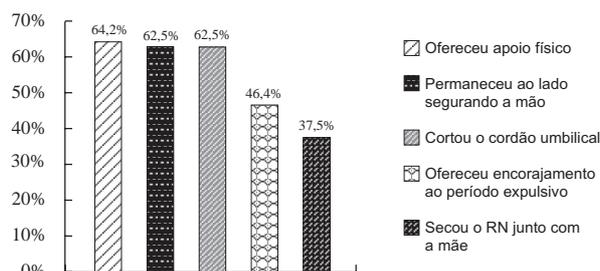
Estudo desenvolvido na perspectiva cultural que descreveu a forma de participação dos maridos no trabalho de parto e no parto revelou que o comportamento deles pode ser

classificado de três maneiras: o treinador, o tímido e o observador. O primeiro apresenta uma atitude ativa e promove medidas de conforto para a mulher; o segundo restringe-se ao atendimento das solicitações das mulheres e o terceiro apresenta uma atitude passiva, permanecendo em papel expectante. E estudo realizado na Finlândia, demonstrou que a maioria dos acompanhantes poderia ser classificada como treinador, pois tiveram participação ativa e nenhum deles comportou-se apenas como expectante. Estes acompanhantes valorizaram os papéis e as atividades que desempenharam e sugeriram que a possibilidade dessa prática deveria ser estimulada para promover a qualidade da assistência ⁽⁷⁾.

Os dados obtidos por nós demonstram haver similaridades culturais quanto à disponibilidade dos homens no atendimento às necessidades das parturientes no decorrer do trabalho de parto e no parto visto que dados semelhantes foram constatados entre os acompanhantes do HGIS.

Durante o parto, as atividades mais referidas que foram desempenhadas pelos acompanhantes foram: oferecimento de apoio físico (64,2%), permanência ao lado, segurar a mão e cortar o cordão umbilical, todas com 62,5% (Gráfico 2). Esses dados permitiram constatar que os acompanhantes se mantiveram atentos ao suprimento das necessidades físicas e emocionais das parturientes. As ações referidas desempenhadas pelos acompanhantes são tão importantes durante o trabalho de parto e o parto quanto os cuidados obstétricos profissionais propriamente ditos ⁽⁸⁾. Também nesta etapa do acompanhamento, nenhum deles deixou de assinalar itens do "check list", demonstrando que todos exerceram algum tipo de atividade durante o parto.

Gráfico 2 - Atividades realizadas pelos acompanhantes no momento do parto. Itapeperica da Serra, 1999. (N=56).



O corte do cordão umbilical que foi realizado por 62,5% dos acompanhantes deste estudo e indica que este número foi maior em relação ao encontrado em um serviço de Londres,

onde apenas 18% dos acompanhantes chegaram a praticar este procedimento⁽⁹⁾. Consideramos este tipo de prática de relevância para a integração familiar, pois o ato de cortar o cordão umbilical, realizado pelo acompanhante, confere um significado de participação em um rito de passagem que é o nascimento. Trata-se de uma prática permeada por significados simbólicos importantes no curso de vida familiar^(10,11). Para a mãe, sinaliza a finalização de uma identidade grávida e a passagem para uma nova identidade – a de se tornar-se mãe – e, para o recém-nascido, a transição da simbiose para a independência e a inserção concreta na família que o recebe como um novo integrante.

Avalia-se que a presença de um acompanhante no momento do parto, sobretudo quando ele é o pai, assemelha-se à presença de uma luz na vida do casal pelo fato de esta prática permitir compartilhar extraordinárias experiências para todas as pessoas envolvidas no processo⁽¹²⁾.

Em momento imediatamente posterior ao nascimento todos (100%) os acompanhantes permaneceram ativos e prestaram cuidados como a manifestação de afeto e promoção do conforto para os recém-nascidos e 28 (50%) permaneceram ao lado da puérpera. Dados semelhantes foram encontrados em estudo desenvolvido na Finlândia, no qual o foco da atenção dos pais que estava centrado na mulher durante o trabalho de parto foi transferido para o recém-nascido no momento do nascimento⁽¹³⁾. Independentemente do direcionamento da atenção dos acompanhantes, existe a certeza de que todas as pessoas envolvidas demonstraram sentimento de emoção por serem participantes deste momento. Este tipo de emoção permanece indelével em nossa memória, sobretudo os primeiros cuidados prestados aos recém-nascidos, que se tornam inesquecíveis para os envolvidos. Embora este fato não permaneça na consciência da criança, fica registrado em sua memória corporal de forma profunda e ajuda a conformar sua estrutura psíquica futura⁽¹⁴⁾.

A presença e participação ativa de um acompanhante de escolha da mulher no parto é significativa, tanto para a mulher como para o acompanhante. Durante o processo de observação dos acompanhamentos foi possível presenciar diversas manifestações de afeto, como por exemplo, quando o acompanhante segurava o bebê pela primeira vez, auxiliando no registro da impressão plantar, entre outras. Tais atitudes evidenciam e simbolizam o estabelecimento do vínculo entre o acompanhante, a mãe e o recém nascido.

Todos os acompanhantes (100%) indicaram que a experiência do acompanhamento do parto foi positiva. Esta avaliação favorável foi justificada pela menção de diversas percepções, entre elas, a sensação de terem contribuído para a boa evolução de todo o processo, a satisfação em relação ao apoio profissional recebido e o sentimento de alegria por ter

participado do nascimento, considerado por eles como um evento familiar importante. Foi evidenciada, em especial pelos maridos, maior valorização de suas mulheres a partir da experiência que tiveram como acompanhantes no parto. Este aspecto foi salientado também em outro estudo, que evidenciou a consolidação da união dos casais, o que se considerou ser resultante da participação do marido no momento do parto⁽⁸⁾.

Além destas manifestações foram enaltecidos sentimentos de satisfação pela oportunidade da participação ativa no parto e os incentivos recebidos por parte dos profissionais para o desempenho de ações como acompanhantes.

Conclusões

Verificou-se que 68,0% dos acompanhantes não apresentaram dúvidas ou questionamentos referentes ao seu desempenho no decorrer do trabalho de parto e no parto após terem sido orientados, de forma sistemática, por parte dos profissionais. Os demais acompanhantes (32%) que apresentaram algum tipo de questionamento o fizeram para obter esclarecimentos sobre a evolução do trabalho de parto e o tempo estimado para o nascimento. Além disso, alguns questionaram quanto à própria capacidade de atuação como acompanhantes do parto.

As atividades mais freqüentemente realizadas pelos acompanhantes durante o trabalho de parto foram: permanência ao lado da parturiente segurando sua mão (71,4%), realização de massagens (64,2%), acompanhamento e auxílio nos banhos (62,5%) e na deambulação (46,4%) e oferecimento de suporte emocional (37,5%).

No momento do parto, o oferecimento de apoio físico (64,2%), a permanência ao lado da parturiente segurando-lhe a mão (62,5%), encorajamento no período expulsivo (46,4%) e secagem do recém-nascido junto com a mãe (37,5%).

Após o parto, os acompanhantes mantiveram-se ativos e todos estabeleceram contato com o recém-nascido e 50% deles ofereceram suporte à mãe. A experiência do acompanhamento foi considerada positiva por todos os acompanhantes que participaram do estudo.

Considerações Finais

Os acompanhantes atribuíram valor inestimável à experiência e sentiram-se privilegiados em participar como acompanhantes no processo de nascimento e parto. No decorrer do processo de observação e participação nos eventos, como pesquisadores e profissionais atuantes na assistência, foi possível perceber relatos de amadurecimento pessoal com relação ao valor da vida, da relação conjugal e,

sobretudo, da valorização da mulher e do potencial inerente ao gênero feminino de dar à luz.

Considera-se que um fator determinante para o êxito da inserção e desempenho favorável das atividades por parte dos acompanhantes no processo de nascimento e parto seja a atuação adequada do enfermeiro obstetra na contemplação deste aspecto. Sugere-se que este profissional pratique suas ações visando tornar-se um agente facilitador e promotor da compreensão e do atendimento das demandas que se evidenciam continuamente durante o processo, tanto as originárias das parturientes quanto de seus acompanhantes.

Esta pesquisa possibilitou refletir sobre a premência de se direcionar um novo olhar sobre a assistência obstétrica, no qual consideramos essencial resgatar os valores socioculturais e emocionais do elo familiar próprios do evento do nascimento e parto. A qualidade da assistência neste âmbito poderia ser promovida pelo despertar de maior sensibilidade dos profissionais envolvidos para todas as questões discutidas, que deveriam estar associadas à consciência de que o cuidado, quanto baseado em critérios e práticas inadequadas, podem trazer conseqüências negativas. Este conjunto de fatores, quando devidamente considerado, pode propiciar um cuidado autêntico, não rotinizado, robotizado e massificado.

A experiência dos profissionais atuantes em um centro de parto normal que permite a presença e participação ativa do acompanhante de escolha no processo de assistência ao parto permitiu desmitificar inúmeras crenças sobre esta prática, que desfavorecem a inserção do acompanhante.

Avalia-se que processo semelhante pode estar ocorrendo com outros profissionais e serviços de assistência obstétrica. Assim, é possível que a divulgação desse tipo de experiência, resgatada e revelada na perspectiva dos acompanhantes, possa contribuir para o aumento da inserção desses profissionais no processo de assistir o nascimento e parto em outros serviços e contribuir para a qualidade da assistência obstétrica e o pleno cumprimento da legislação vigente em nosso meio.

Foi possível observar que o acompanhante, que mantém seu olhar atento e interessado para preservar o bem-estar da parturiente, é aliado importante na assistência, em especial porque ele possui disponibilidade integral para o cuidado. Conhece as crenças e valores da parturiente e sua família e é com quem a mulher se sente mais segura e apoiada, aspectos estes que garantem o caráter contínuo da assistência, o respeito à bagagem cultural das mulheres e a preservação dos direitos ao atendimento à saúde. Considera-se que a presença do acompanhante no trabalho de parto e no parto deve ser vista numa perspectiva positiva e ser incentivada, pois propicia experiências significativas que são benéficas para a família e contribuem para a satisfação dos profissionais em relação ao trabalho que desenvolvem.

Summary

It is a quantitative descriptive study with the aim of to know the activities developed by the companions of women during the childbirth and their evaluation in relation to the experience of accompaniment. The research was developed at the birth center of Hospital Geral de Itapecerica da Serra (HGIS) and 56 companions have participated in the study. The activity more frequently realized by the companions during the process was to stay with the women offering them physical and emotional support and all companions have evaluated positively their experience. The authors concluded that the insertion of active accompaniment must be incentivated and institutionalized at birth care services.

Key words: Patient companions; Labor – Psychology; Family

Resumen

Se trata de un estudio descriptivo cuantitativo que tuvo como objetivo conocer las actividades de los acompañantes de mujeres en trabajo de parto y la evaluación realizadas por ellos, en relación a la experiencia vivenciada. Fue desarrollado en el Centro de Parto Normal (CPN) del Hospital General de Itapecerica da Serra (HGIS) del cual participaron 56 acompañantes. La actividad que con más frecuencia realizan los acompañantes, en el transcurso del acompañamiento del parto, fue permanecer a lado de las parturientas ofreciéndoles soporte físico y emocional, habiendo evaluado positivamente la experiencia. Se concluye que la inserción del acompañante activo en el parto debe ser incentivado e institucionalizado en los servicios de asistencia ao parto.

Palabras clave: acompañantes de pacientes, trabajo de parto, psicología, familia

Referências bibliográficas

1. Organização Mundial da Saúde. Assistência ao parto normal: um guia prático. Genebra; 1996.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília, 2001.
3. São Paulo (Estado). Projeto de Lei n. 10.241, de 17 de março de 1999. Dispõe sobre os direitos dos usuários dos serviços e das ações de saúde no Estado e dá outras providências. Diário Oficial do Estado, 1999; 109:1.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria 1406/GM, de 15 de dezembro de 1999. Aprova o Regulamento do Prêmio Nacional Prof. Galba de Araújo. Brasília, 1999. Disponível em <URL: <http://www.saude.gov.br/>>.

5. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria 985, de 05 de agosto de 1999. Cria o centro de parto normal (CPN) no âmbito do Sistema Único de Saúde. Brasília, 1999. Disponível em <URL: <http://www.saude.gov.br/>>.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196 de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em seres humanos. Mundo Saúde, 1996; 2152-61.
7. Chandler S, Field PA. Becoming a father: first time father's experience of labor and delivery. J Nurs Midw 1997; 42(1):17-24.
8. Enkin M, Keirse MJNC, Renfrew M, Nielson J. Effective care in pregnancy and childbirth. Oxford: Oxford University Press; 1995.
9. Reid T. Birth rite. Nurs Times 1994; 90(50):16.
10. Davis-Floyd RE. Birth as an American rite of passage. In: Michaelson K Childbirth in America: anthropological perspectives. Massachussets: Bergin & Garver Publishers, 1988. p.153-72.
11. Turner VW. O processo ritual – estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes; 1974. p.103-23.
12. Beaton J, Gupton A. Childbirth expectations: a qualitative analysis. Midwifery 1990; 34(6):133-9.
13. Julkunen-Vehvilainem K, Liukkonen A. Fathers' experiences of childbirth. Midwifery 1997; 41(14):10-7.
14. Boyesen G. Entre psiquê e soma. São Paulo: Summus Editorial; 1985.